

Projeto

BRA
2.1.2
H687b

P

VOLUME 6



mobral

Bom Jardim

Dez mulheres: Missionárias da saúde

Ministério da Educação e Cultura - MEC
Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus - SEPS
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

Bom Jardim

Dez mulheres: Missionárias da saúde



Rio de Janeiro
1983

Apresentação

Um Bom Jardim em Pernambuco

Primitivamente, exuberantes e frondosos paus-d'arco...
Originariamente um Bom Jardim...
Hoje, uma pedra do navio...
Muitas mulheres
(predominantemente a população rural é constituída de mulheres) e dessas, 10 estão acontecendo, a quem poderíamos chamar: "essas mulheres maravilhosas..." Um programa (Programa de Educação Comunitária para a Saúde — PES)... Sete localidades, eis aí o ambiente/palco do Projeto 28, em Pernambuco. O trabalho, que agora se conhece e se documenta, poderia passar despercebido, cair em lugar-comum e/ou, talvez, ser considerado sem as devidas exigências para uma filmagem; entretanto, as características que o distinguem são bastante fortes e o credenciam a ser incluído entre tantos outros.
Senão vejamos: O PES, implantado nos Sítios: Altos, Balança, Campestre, Encruzilhada, Icó, Paquevira e Umari — Município de Bom Jardim — e desativado como Programa, lançou uma semente que germinou e continuou sendo regada por um grupo de mulheres — predominantemente. Tais "Heroínas de Tejucupapo" (veja o item História no Anexo, p. 30), usando as armas da fé, coragem, humildade, otimismo e amor, lançaram-se à luta, em meio a grandes adversidades, e vão

conseguindo vencer a miséria, a indiferença, a descrença e o desânimo, que, como insaciáveis invasores, procuram derrotar a muitos. Dai por que, ao se documentar o trabalho do Município de Bom Jardim e, conseqüentemente, divulgá-lo, estamos reconhecendo e agradecendo a colaboração manifesta e a anônima daqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos nas ações. Propositadamente, registramos, incentivamos e valorizamos o trabalho árduo e consciente de Luzenilda Teixeira de Barros, funcionária da Coord; Ivonete Alves da Silva, supervisora de área; Noé Souto Maior Júnior, hoje prefeito do Município; e Margarida Maria de Lima, Severina Jovina Ramalho, Sílvia Maria dos Santos, Maria de Lourdes dos Santos, Dorotéia Gomes da Silva, Isabel Rosa da Silva, Jaci Soares da Fonseca, Maria Cabral, Irene de Assis Ramalho, Iracema Maria da Silva — ex-monitoras do PES e continuadoras dessa pequena grande obra, que esperamos seja apoiada pelas entidades, lideranças e poderes públicos bem como caracterizada como transformadora. Bom Jardim, Bom Trabalho, Boa Sorte!

Zulmira Maria de Carvalho
Coordenadora do Mobral em Pernambuco

Terra da música

Agreste pernambucano. Faixa de transição entre a Zona da Mata e o Semi-Arido, esta é ainda uma região privilegiada, com rios, açudes, muito verde e muitas flores. É bem verdade que, aqui e ali, já se marcam sinais evidentes de estiagem prolongada, com leitos de rios completamente secos, açudes baixando suas águas, vegetação sem viço e animais em estado de subnutrição. Mas não se pode dizer que sua situação é igual à do sertão, onde a seca arde implacável

no silêncio das caatingas. É nesta região que fica Bom Jardim, a terra da música — houve um tempo, não muito longe, em que cada morador sabia tocar um instrumento musical qualquer. E, hoje, um movimento renovador procura reavivar essa tradição, partindo de iniciativas não só do atual prefeito, do Mobraf e de outras entidades, mas também da própria coletividade. Nesta cidade, vive um povo alegre e destemido. Alegre nas suas músicas, seus violeiros, repentistas, cantadores e grupos de danças. Destemido na vontade com que se atira ao trabalho, na força com que luta para deter o avanço crescente da seca, através da

construção dos barreiros, cacimbões e açudes. Seu solo já se ressentiu com a escassez das chuvas. Mas Bom Jardim trabalha e canta, encarando de frente a proximidade do sertão. A cidade, de ruas limpas e cobertas de paralelepípedos, espalha-se por sucessivas ladeiras. Casas avarandadas, amplas, bastante floridas, agradáveis. Inúmeras igrejas. Praças ajardinadas com bancos e relvas. Gente acolhedora, espontânea e risonha. Como seus jardins e sua música. Valente e forte. Com as misteriosas e milenares rochas de seu solo e as imensas riquezas de seus minérios.

Vales, colinas e verde



4 BOM JARDIM
Dez mil metros
Município do Agreste

24.03.2015 10:21

A maioria da população vive na zona rural, trabalhando na lavoura para o próprio sustento e para abastecer as cidades vizinhas. Uma tarefa difícil, para quem não possui um bom sistema de irrigação e onde quase não existem vias de acesso. De terreno bastante acidentado, com muitas rochas e elevações, por vezes as estradas se transformam subitamente em estreitas trilhas. E é impossível o transporte por veículos de rodas.

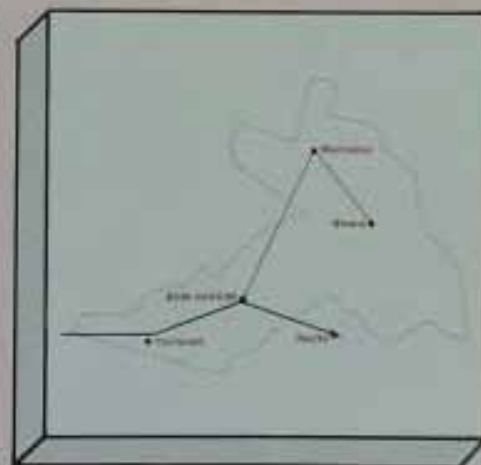
Apenas os jegues ou cavalos são capazes de suportar o peso dos produtos da lavoura ou a água trazida dos cacimbões distantes. Sempre subindo e descendo a pique as rochosas ladeiras por onde correm

espantadas lagartixas e se ouvir o chocalhar sinistro de cascavéis. Em muitas localidades rurais, a água já está sendo disputada com aflição e brigas. Mas são contendas que o desespero explica e o tempo faz esquecer. Porque é preciso trabalhar. O pesadelo da seca pode chegar a qualquer momento. E é preciso cantar. A sensibilidade musical já fez morada dentro de cada um.

A proposta do Mobral

Quando, em 1977, o Mobral implantou, em todo o Brasil, o Programa de Educação Comunitária para a Saúde, o PES, estavam sendo lançadas as bases de uma ação cujos resultados se mostrariam valiosos para muitas regiões do País.

Este programa visava a atender às faixas populacionais mais carentes, através de um processo de educação que as levasse a mudanças de comportamento para a prevenção de doenças e a promoção da saúde.



Aqui, no Agreste pernambucano, faixa de transição entre a Zona da Mata e o Semi-Árido, a seca ainda não chegou em todo o seu rigor. Apenas, aqui e ali, se notam os seus

sinais ameaçadores, com açudes baixando suas águas e o verde se extinguindo em algumas regiões. Mas a gente de Bom Jardim trabalha e canta, encarando a sua aproximação.

Esta ação educativa buscaria conscientização de cada indivíduo e de toda a comunidade, desenvolvendo sua capacidade de refletir, definir seus problemas, propor soluções e colocá-las em prática, dentro dos meios ao seu alcance. Para levar adiante esse trabalho, seria necessária a presença de elementos integrados ao próprio meio, capazes de absorver a orientação do Mobral e motivar suas coletividades para a ação conjunta. São inúmeras as localidades que por este país afora aderiram ao PES. Mas, de Bom Jardim, nos vem exemplo que excedeu as expectativas. Através destas páginas, o relato da saga de 10 mulheres desse município,

que souberam superar suas próprias limitações culturais, sociais e econômicas para, com o apoio do Mobral, ampliar as perspectivas de seus grupos. Não apenas no âmbito restrito de cada um deles, mas, projetando-os até a integração com toda a coletividade da região, através do trabalho em comum. Em Bom Jardim, a tarefa de formar grupos e treinar as pessoas que desenvolveriam o Programa ficou a cargo da supervisora de área do Mobral, Ivonete Alves da Silva. Não foi um trabalho fácil. As distâncias entre cada comunidade rural e o centro da cidade, a falta de estradas adequadas para uma locomoção mais eficiente, o

estado de carência em que viviam as pessoas, tudo isso contribuiu para que Ivonete tivesse de reunir toda a sua energia e força de vontade para a implantação do projeto. Como ponto de partida, ela fez um diagnóstico do potencial humano do município. Era preciso encontrar as pessoas certas, os monitores do PES. Esse diagnóstico contou não só com a mobilização das entidades locais, mas também com a maioria dos elementos envolvidos em trabalhos assistenciais e religiosos. Ivonete ficou surpresa com a receptividade. Naqueles sítios ermos, de acesso difícil e afastados da civilização, existiam seres humanos

Um longo caminho a percorrer



Em Bom Jardim, um exemplo que excedeu as expectativas. Porque foi preciso superar dificuldades de toda sorte. Mas o trabalho desenvolvido nas comunidades rurais ampliou suas perspectivas e projetou-as até a integração com a zona urbana.

lividos por uma orientação, um impulso que os arrancasse do estágio em que viviam. Os que ficavam mais próximos do centro urbano já contavam com a presença de pessoas dedicadas à catequese católica. Não era ainda um trabalho comunitário. Era um trabalho para o povo, e não com o povo. Mas poderia ser um começo. Nas localidades mais distantes, nem isso acontecia. Era preciso perspicácia e sensibilidade suficientes para detectar o potencial de um monitor. Mas havia algo de positivo: algumas das futuras monitoras já possuíam certa experiência como alfabetizadoras do Mobral. E finalmente foram escolhidas 10

monitoras, de diferentes sítios. Os primeiros encontros pareciam desanimadores. Aquelas pessoas humildes, algumas até com as roupas sujas e encardidas, seriam capazes de movimentar suas comunidades para que se desenvolvesse nelas um programa educativo voltado para a saúde? Veio a fase de treinamento. Vencer obstáculos de toda sorte; transmitir conceitos até então novos para pessoas culturalmente despreparadas, numa linguagem acessível ao seu entendimento; facilitar a assimilação do conteúdo dos folhetos explicativos utilizados pelo Programa; incentivar, investir no potencial de cada uma

daquelas mulheres. E mais a distância dos locais onde residiam, com 15, 20 ou mais quilômetros a percorrer, a pé, sobre trilhos ásperos e íngremes, para assistirem às reuniões. Do distante Paquevira, veio Isabel, acanhada, desacostumada do contato com pessoas que não as do seu mundo. Do Campestre, Maria Cabral, quase criança ainda. Da região do Altos, vieram Dorotésia, Maria de Lourdes e Sílvia. De Umari, a então tímida Margarida. De Icó, chegou Irene. De Outeiro, Severina. Do Balança, Jaci. De Encruzilhada, Iracema. Depois do treinamento, o trabalho, sob uma contínua orientação. E os

Ação para o povo, com o povo



No início, a dúvida. Aquelas pessoas humildes seriam capazes de movimentar suas comunidades para que se desenvolvesse nela um programa educativo voltado para a saúde? E, naqueles sítios ermos, afastados da civilização, uma surpresa: a avidez por uma orientação

que os arrancasse do estágio em que viviam. O Mobral acreditou em cada uma daquelas mulheres que mais tarde se tornariam líderes. Incentivou-as, investiu no seu potencial. Foi o começo de um grande trabalho que, hoje, resulta na participação de todos.

resultados que hoje o município ostenta com justificável orgulho. Porque, atendendo à reorientação superior, uma vez que o trabalho na área de saúde deveria ser realizado por outros órgãos, o Mobral desativou o PES. Mas, com suas raízes já fixadas na própria vida comunitária, ele permaneceu em Bom Jardim, não como uma instituição e sim como uma ação conscientemente assumida pelas pessoas que o realizam até hoje.

Sítio Altos

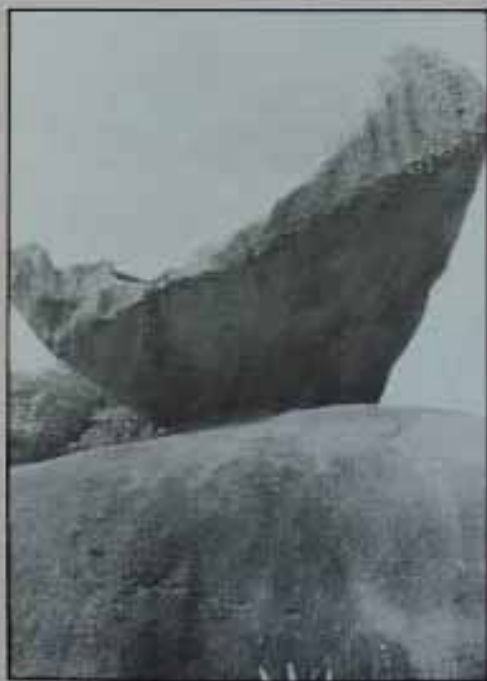
Uma das maiores regiões da zona rural de Bom Jardim, o Sítio Altos requeria uma vasta ação para que sua comunidade fosse bem atendida. E de lá vieram quatro mulheres de fibra, que deram tudo de si no trabalho a que se propunham.

Elas já traziam certa experiência de assistência e apoio aos companheiros. Mas era uma atividade isolada, sem a orientação devida e sem a mobilização do espírito comunitário. E, através do PES, elas se integraram, não apenas

entre si, mas, com a coletividade onde viviam, com as entidades e com o município inteiro.

Todas são mulheres ocupadas com seus afazeres do dia-a-dia. "Se você ver eu contar o meu trabalho, dá um romance. Porque aqui eu fico pra cuidar desses gurizinhos todos. E ainda boto água distante pra casa. É o dia todo. De manhã, eu pego uma horinha assim e vou pro roçado trabalhar. Quando chego, vou fazer o serviço de casa, lavar roupa. E de tarde, costurar. Faço roupa de crochê. Tudo é corrido! Fico esperando pra quando chegar da escola; às nove, nove e meia, e aí eu fico costurando, pra mim, pro meu esposo, pra fora... A luta é grande,

A força do Agreste



Rochas de surpreendente formato afloram no município, lembrando exóticas figuras. É imenso o potencial de suas jazidas de minério. Intrincadas ramificações de avelós surgem de espaço a espaço. Sobre as inúmeras

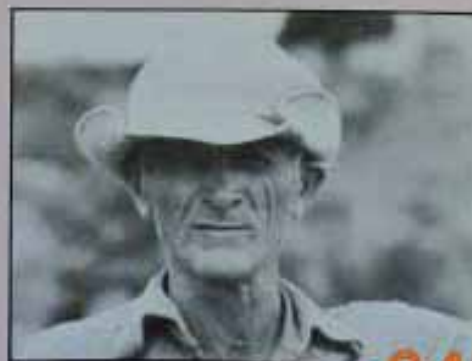
pedras, a exuberância permeia de bromeliáceas e cactáceas, resistindo ao sol inclemente e à dureza da seca que se aproxima. A natureza assemelha-se ao homem da região, na força com que se adapta à própria vida.

sabe?". É assim que Severina Maria dos Santos, a Silvia, ocupa o seu tempo como dona-de-casa. Dorotêa Gomes da Silva, viúva, mora num local de difícil acesso, onde cultiva um roçado para a sua subsistência e a dos sete filhos. Com seu jeito espontâneo e claro de falar, vai dizendo como é a sua luta diária, trabalhando no plantio de feijão-de-corda, das aulas em escola municipal, de seu estudo no Logos II, curso equivalente ao magistério: "Depois que chego em casa, ceio, a garotada vai dormir... e Dora vai estudar até uma hora da manhã. Depois adormece. De cinco horas da manhã se levanta, prepara um café, dá

à turma e entra na lida até a data presente. É isso aí que Dorotêa faz...". Maria de Lourdes Ferreira dos Santos, casada, já com 10 netos, também é professora municipal e estuda juntamente com Dorotêa. Dinâmica, é delegada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, o que a faz conhecedora das carências e aspirações das 77 comunidades do município inteiro. Há alguns anos, criou um clube agrícola para as crianças, com a colaboração do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — Inbra —, trabalho que se ampliou com o apoio do Mobral. Hoje, em sua área, não existem mais adultos analfabetos.

Iracema Maria da Silva mora na localidade de Encruzilhada, que pertence ao Sítio Altos. Dedicase também à agricultura, à casa, aos filhos e ao marido, recentemente acometido de grave doença. Mais tímida que as outras, tem se mostrado corajosa ante a situação difícil por que passa, contando sempre com o apoio das companheiras e de sua comunidade. Com todas essas atividades, cheias de dificuldades financeiras e de toda espécie, que fizeram essas quatro mulheres junto às suas comunidades, com a orientação do Mobral? Através da união, da estima e do respeito mútuos, conseguiram

Uma conquista árdua



movimentar os demais companheiros, ativar seu espírito comunitário e transformar suas condições de vida. E Dorotêa relembra como tudo teve início: "Nós chamávamos a turma da região, explicávamos pra eles o que é que necessitava, fazíamos um levantamento do que é que estava faltando na região de cada um. De oito em oito dias, nós dávamos uma reunião, no sábado ou no domingo". E, através dessas reuniões, o processo lento de conscientizar a todos. Cada problema era posto em discussão, para se chegar à solução e colocá-la em prática. Como um dos primeiros problemas levantados, o da seca. Como solução, a

confeção de cisternas ao lado de cada moradia: uma construção cilíndrica de cimento, com uma estratégica abertura por onde penetra uma calha em declive, para canalizar a água das chuvas. Com isto, está garantida uma reserva de 15 a 20 mil litros de água para os períodos de estiagem. Basta abrir pequena torneira que fica na parte inferior da cisterna. E nesse trabalho, a união de todos: "A turma fazia a cisterna de um, depois ia fazer a de outro, depois mais outra e assim ia para adiante". Não fosse tal providência, todos teriam de "carregar água por uns 10km" durante a seca. Um dos maiores problemas do Sítio Altos é mesmo a falta de água: "Se tivesse

água, não havia lugar mais rico em verdura!". Dorotêa tentou fazer um barreiro, aproveitando-se de pequena fonte natural existente em seu terreno, mas nada conseguiu: "Eu chamei um motorista de máquina, pra fazer o barreiro, um açudetozinho que servia pra mim e a turma da região. Ele fez o contrário. Chegou, muito vexado, e entupiu a veia de água. Puxou terra, puxou terra, depois me deixou num aperreio que eu nem gosto de falar no caso!". E, pela falta de água, as hortas comunitárias não puderam prosseguir. Antes, ainda conseguiram cultivar algumas, e Silvia demonstra satisfação em dizer do espírito de união de todos:

A orientação adequada



10 BOM JARDIM
Das mulheres:
Missionárias de saúde



As dificuldades apresentavam-se quase que insolúveis. Barreiras a vencer com persistência e vontade. E as reuniões se

sucederam para que a orientação certa fosse assimilada. Refletir, detectar problemas, buscar soluções com recursos disponíveis. Cada

uma daquelas mulheres conseguiu apreender as instruções e repassá-las às suas comunidades, participando ativamente da ação comunitária.

24.03.2015 10:24

"Quem cuidava era tudo eles. No dia da sementeira, todo mundo foi semear. Agora, pra todo dia, ficou uma pessoa encarregada, era a tarefa da semana. Na outra semana, já era outro quem ia cuidar. Se todo mundo ia poder colher, então todo mundo podia trabalhar. E quando chegava o dia da colheita, ninguém reparava se dona fulana tirou mais nam se tirou menos. Todo mundo tinha direito". Mas, apesar de não terem conseguido fazer horta comunitária este ano, a comunidade já se encontra conscientizada de seu valor para uma alimentação sadia. E cada um pôde fazer sua horta caseira: "A gente deu as sementes que nós recebemos do Mobral pra cada um

deles e eles plantaram. Então deu alface, repolho, tomate, cebolinha, couve, quer dizer, aquele pouquinho cada um tem o seu. Todos têm verdura pra sua alimentação sem estar precisando de ir comprar na feira". Como outra fonte de alimentação, a criação de aves também encontrou eco no trabalho do grupo. Lourdes e Dorotêa incentivaram nas crianças a instalação de um aviário. Meninos e meninas fizeram um curso sobre aves na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural — Emater —, e Lourdes narra com satisfação: "Os pintinhos, quem cuidava eram eles. Pela manhã, já tinha três ou quatro crianças, chegavam a me acordar, pra

saber como é que estavam os pintinhos, que vieram pra botar água, saber como é que eles estavam. Porque elas foram treinadas e sabem como cuidar de aves!". E, apesar de momentaneamente paralisado, pela falta de recursos, o grupo pretende mobilizar outras entidades para que o aviário volte a funcionar no próximo ano. Cada problema fazia com que as atividades funcionassem em cadeia, requisitando sempre a cooperação de todos. Era preciso evitar as doenças não só através da alimentação mais sadia mas também da higiene, da vacinação, da melhoria das condições ambientais. E era preciso a união



A motivação acionou o potencial realizador de cada um. Em todas as reuniões promovidas, o entusiasmo e o bom entendimento para a ação conjunta. Cada

problema vencido fortalecia o grupo, tornando-se ponto de partida para novas conquistas. A busca de melhores condições de vida encontrou abrigo definitivo em

cada membro das comunidades. O trabalho comunitário iniciava seus primeiros passos, rumo a objetivos mais amplos.



porque, além da carência financeira, se algum elemento da comunidade não aceitasse aprimorar suas próprias condições sanitárias, todo o grupo sofreria com o foco ali instalado. Alertados pela ação educativa do Mobral de que moradias em mau estado contribuem para uma série de problemas relativos à saúde, os moradores do Sítio Altos procuraram um jeito de melhorá-las. Mas como fazer isto se uma parte da população não possuía recursos financeiros suficientes para a empreitada? Nas reuniões semanais, o problema foi exposto. E a participação de todos se fez presente: "A gente fazia uma reunião pra ver como é que podia

levantar aquela casa. Então, a gente reunia o mutirão e ia lá ajudar. Um levava uma telha, outro um cento de telha ou até um carro, de acordo com as possibilidades de cada um. E quando via, a casa estava já inteira". Assim aconteceu também com a campanha de filtros. Quando um não tinha o dinheiro suficiente para a aquisição, o grupo se cotizava para que todos tivessem o seu. E, hoje, "todo mundo tem filtro e até mais de um!". Na construção das fossas sanitárias, também o espírito comunitário prevaleceu. Todos se ajudaram mutuamente na construção de cada uma delas.

Criatividade e solução

"Naquela época que o PES começou, nós conseguimos uma farmácia caseira que foi uma coisa fabulosa! Hoje ela já não é a mesma coisa, porque não é todo mundo que pode dar quinhentos ou mil cruzeiros pra ajudar a comprar os remédios, que hoje estão muito caríssimos. Mas temos álcool, algodão, comprimidos, esses remédios que servem pra primeiros socorros. E além deles, nós temos as ervas medicinais, que até são bem melhores. E pra essas ervas, nós recebemos um

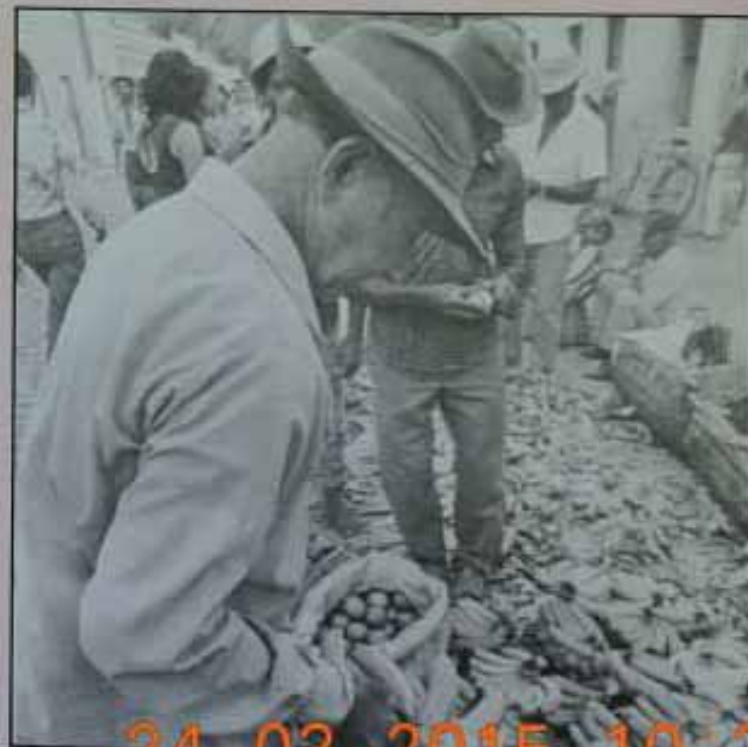
Frutos do bom trabalho



Intensificou-se a integração entre as comunidades rurais e a cidade. Nas feiras semanais, nas casas de comércio, a

população urbana passou a reconhecer que do trabalho constante do homem do campo depende a sua

alimentação. Cada fruto é recebido com o respeito que merece por aqueles que acreditam nas dádivas da terra.



treinamento muito bom". E além da criatividade na utilização dos recursos ao seu alcance, o grupo recebeu treinamento para fazer curativos, primeiros socorros, partos, aplicação de injeções... E com todos os sacrifícios de seu trabalho diário, é comum chegar alguém em plena noite para um trabalho: "Dorotêa, se apronte pra lavar um menino — eu pego a boisa, o material, chego lá, faço o parto, deixo o dia amanhecer e volto pra casa".

E além do PES, as quatro se ocupam de outras atividades promovidas pelo Mobral, a Alfabetização Funcional, a Educação Integrada e os cursos profissionalizantes. Na Alfabetização

Funcional, o maior problema que Sílvia encontra é com a frequência dos alunos: "Alguns é porque moram distante. Outros é porque na hora de vir pra escola eles vão assistir a novela na televisão e quando chegam estão muito desligados. Isso é um trabalho pra gente!".

Dorotêa ensina arte culinária para muitas mulheres do Sítio Altos: "Eu ensinei feijoada, a assar galinha, que muitas não sabiam, ensinei a fazer um bife francês, farofa de cenoura, farofa italiana, bolos, confeitaria, essas coisas... que eu tive numas escolas no Recife, sabe?". Lourdes ensina pintura, corte e costura. Sílvia e Iracema dão aulas de corte e costura.

O Sítio Altos é uma região que se transformou, através do PES e pela ação de quatro mulheres que souberam assimilar sua orientação. Além dos problemas comuns de todo dia, da participação conjunta para solucioná-los e da estima que parecem ter uns com os outros, os moradores ainda encontram tempo para se divertir com o teatro, a música e a poesia de Dorotêa, "a poeta do Mobral". São encenações que ela cria para retratar as vivências da comunidade: "Nós sempre gostamos de gracejar. Pra o povo dar risadas, a gente inventa aí uns dramazinhos, umas besteiras. Houve aí a Semana da Cultura Popular de Bom Jardim e nós



fomos chamadas pra apresentar na quadra do ginásio. E até que somos bem aplaudidas, não é, Lourdes?". Por que essas mulheres aceitaram a tarefa de levar seu aprendizado junto ao Mobral para o erguimento de suas comunidades; sem jamais esmorecer? É "a poeta do Mobral" quem responde: "Tudo o que a gente faz por amor, eu acredito que não cansa nunca!"

Sítio Paquevira

Paquevira, ou pacavira, nome que se dá a certa espécie de bananeira selvagem, cujo fruto não é comestível. Em épocas mais antigas, talvez tenham existido nessa região muitos desses vegetais. Quando a terra era ainda inculta, sem a mão do homem para tratá-la.

Mas hoje o Sítio Paquevira ostenta caprichosas plantações de mandioca, milho, feijão, jaca, mamão, laranja, que sombreiam agradavelmente as estreitas e sinuosas trilhas que ligam

suas trinta e poucas casas. Distante do centro da cidade, de seu ponto mais elevado vê-se o município vizinho de Orobó, com seu grande açude. Casas de farinha surgem ao longo dos caminhos que levam até lá. Crianças espertas sobem e descem com facilidade as estradinhas íngremes. Há muita atividade em Paquevira. E há Dona Isabel Rosa de Melo. Baixinha, rosto redondo e risonho, à primeira vista ninguém descobre nela a energia e o dinamismo que traz dentro de si. É foi a tenacidade desta mulher que fez de Paquevira uma comunidade atuante e unida.

Quando ela se apresentou para ser monitora do PES, a supervisora de

A esperança maior



A ação comunitária fez com que, principalmente, as crianças pudessem, hoje, olhar para o futuro com menos incertezas. Elas se sentem seguras

porque seus pais estão lhes imprimindo conceitos mais amplos, novas possibilidades. Para estas crianças, o amanhã se mostra

promissor. Porque, desde cedo, elas estão aprendendo que determinação e solidariedade são armas capazes de ajudá-las a conhecer o seu meio e

extrair dele os recursos necessários a uma existência menos sofrida. Confiantes, elas caminham em direção a horizontes mais altos.

àrea Ivonete pensou duas vezes antes de aceitá-la. Achou-a tímida, sem jeito, falando baixo, não apresentava características de alguém que pudesse levar adiante o Programa. A experiência revelou o enorme potencial de Dona Isabel. E a ação que realizou em seu grupo provou que ali existe uma mulher sagaz e enérgica. Capaz de movimentar não apenas a sua comunidade. Mas também de mobilizar autoridades e sensibilizar a todos com o vigor de uma linguagem combativa e irrefutável. Inicialmente, as dificuldades para que a comunidade aceitasse a ação educativa do Mobral: "Quando começou lá, eles começaram

estranhar. Ninguém pode fazer isso, ninguém pode fazer aquilo... Mas, vagarzinho, vagarzinho, já conseguimos. E agora eles já acham até beleza!". Um dos primeiros exemplos da vivacidade de Dona Isabel foi a colocação de telhados nas casas. As moradias eram cobertas com folhas de palmeira, paredes sujas, "umas taperas, aquela buraqueira toda". Com o desenvolvimento do trabalho do Mobral, a comunidade ficou sabendo do perigo que corria, pela infestação do barbeiro, e resolveu modificar as casas. Mas o proprietário do sítio, arrendado há anos para o grupo, não permitia que as taperas fossem

075376

melhoradas, mesmo que os moradores arcassem com as despesas. Dona Isabel não se rendeu ante a negativa. Muniu-se do folheto que explica a origem da doença de Chagas, fornecido pelo Mobral, e voltou ao dono das terras: "Por gentileza, queira ler aqui...". Antes de chegar à metade da leitura, o homem esbravejou: "E eu lá empatei morador cobrir casa com telha?". Ganha a primeira batalha, o grupo partiu para a confecção das telhas, em mutirão. E hoje as casas de Paquevira são bem mais confortáveis, paredes caiadas, limpas, "aqueles bichinhos já acabaram lá". Depois disso, a farmácia caseira,



BIBLIOTECA CREFAL

BOM JARDIM
Das mulheres
Mecenas da saúde

15

EST. JARDIM, MI. HOAG. N. MEXI. D.

24

obtida com recursos de várias fontes: "Sempre a gente procura outros setores que têm farmácia, como Orobó, o Sindicato... O prefeito Noezinho também dá um pouco de medicamento. E a gente recebe também da comunidade. Fizemos uma caixinha, a União dos Trabalhadores, todos pagam cinquenta cruzeiros por mês. Aquele dinheirinho, a gente tira pra comprar um pouco de remédio assim mais fácil". A seguir, a campanha das fossas sanitárias, bastante rudimentares, ainda, pela falta de recursos. Um salão comunitário também foi erguido em mutirão. Pequeno, singelo, enfeitado com bandeirinhas de papel

colorido. É lá que são dadas as aulas de Alfabetização Funcional e onde o grupo se concentra para os mais variados motivos. Missas, reuniões, festas ou encontros com o prefeito de Bom Jardim, Noé Souto Maior Junior, que visita sempre o lugar quando solicitado. Além de ingênuas encenações criadas por Dona Isabel e executadas pelo grupo: "sempre as diversões lá são sobre saúde, alimentação, higiene do corpo, do povo todo". Paquevira é uma região que apresenta muitas carências, "a comunidade é fraquinha". Principalmente os problemas com doenças requerem muito sacrifício de seus moradores.

Mas apesar das dificuldades, a união predomina em todas as atividades, porque "lá em cima é tudo comunitário". E foi através dessa união que a comunidade construiu um cacimbão e a água deixou de ser um problema, "tudo depois desse movimento do Mobra!". A terra é fértil, todos possuem plantações. Mas sabem que ainda há muita coisa a fazer para uma alimentação mais saudável. "Tá difícil é o leite e a carne. Aqui não tem vaca, não. E se pode comprar leite? Acho que o Governo devia de fazer um projeto que os pobres cada um pudesse comprar sua vaquinha pra dar leite aos filhos. Porque criança sem

Arte: uma presença forte



Em Bom Jardim, um intenso trabalho de conscientizar a população para a preservação das tradições culturais

notadamente junto às crianças e jovens. Os grupos folclóricos que se formam congregam tanto as crianças da

zona rural quanto as das comunidades rurais. Assigura-se assim um futuro que revele alegrias do passado.

leite pra tomar pode dizer que tá morto!”

Paquevira sofreu uma transformação após a ação educativa do PES. Não apenas a comunidade se beneficiou mas também Dona Isabel, que afirma entusiasmada: “Antes, eu era um trocinho que ninguém ligava. Mas hoje eu sou a liderança! Viajo, falo com prefeito ou governador. No tempo que não tinha essas reuniões do PES, eu não tinha contato com a comunidade, com gente de fora. Sei lá, parece que eu não era nem viva!”.

Sítio Campestre

Desde os 14 anos de idade Maria Cabral da Silva vem se interessando pela vida de sua comunidade. Adolescente ainda, já participava de reuniões de jovens, procurando aprender sempre, para um dia ser útil à sua gente. Foi assim que, através do Incra e da Cooperativa Agrícola, viajou para outras cidades, fez cursos em Recife, ampliou seu universo. Quando o PES chegou a Bom Jardim, embora com apenas 17 anos de idade, Maria Cabral já se encontrava

preparada para absorver sua orientação e trabalhar com os habitantes de sua região.

Moça simples, criada no campo, encontrou no trabalho educativo do Mobral um instrumento para ajudar sua comunidade. “Antes do PES, as pessoas tomavam banho de todos os jeitos que encontrassem. Se tinha chuva, eles iam parando naquelas barracas e bebiam daquela água”. E aos poucos ela foi conscientizando sua gente para que a higiene passasse a fazer parte constante de seus hábitos. Os resultados foram obtidos lentamente, através de reuniões, de palestras, de esclarecimentos acessíveis ao entendimento de todos:

O futuro sorri



“Porque se eu chego numa reunião e fico falando de um jeito que ninguém entende, é claro que depois eles não vão saber o que é que eu estava falando”. E com essa linha de atuação, muita coisa foi conseguida: “Hoje em dia, quando um menino está descalço, ele fica zangado, querendo calçar logo as sandálias. Antigamente não queria isso, jogava fora. Andava de qualquer jeito. Onde visse uma pocinha d’água estava tomando banho nela!”. Mas um de seus maiores motivos de satisfação foi a conscientização de todos para a importância da alimentação. “Eles não gostavam de verdura. Se tinham ovos em casa, eles vendiam para poderem comprar um

alimento qualquer, sem nenhum valor nutritivo”. E após o longo trabalho de orientação, o Sítio Campestre possui suas hortas comunitárias e caseiras, além de criação de aves para a alimentação.

Através do esclarecimento constante, do incentivo, as famílias adquiriram filtros, para que a água utilizada se tornasse mais saudável. Contudo, uma de suas maiores preocupações é a falta de condições financeiras do grupo para a construção de fossas sanitárias.

“Ainda existem muitas pessoas que não têm condições de comprar. Eu falo de cimento, arame, tijolo eles têm. Mas precisam de uma ajuda, de alguém que se interessasse em contribuir.

Porque eles querem seguir todos esses trabalhos que o PES ensinou a gente a fazer”.

O Sítio Campestre fica bem distante do centro de Bom Jardim. Mas Maria Cabral vem diariamente à cidade, estudar no Logos II, para seguir a carreira do magistério. Além disso, dá aulas de artesanato no colégio estadual. E ainda trabalha no campo, ao lado da família, embora suas mãos se mostrem finas e bem cuidadas: “Eu trabalho com luvas no roçado porque não gosto de aparecer com as minhas mãos feias!”.

Para ela, todas as atividades são importantes, tanto as duras tarefas do campo quanto os delicados trabalhos

Chama do trabalho avivada desde a infância



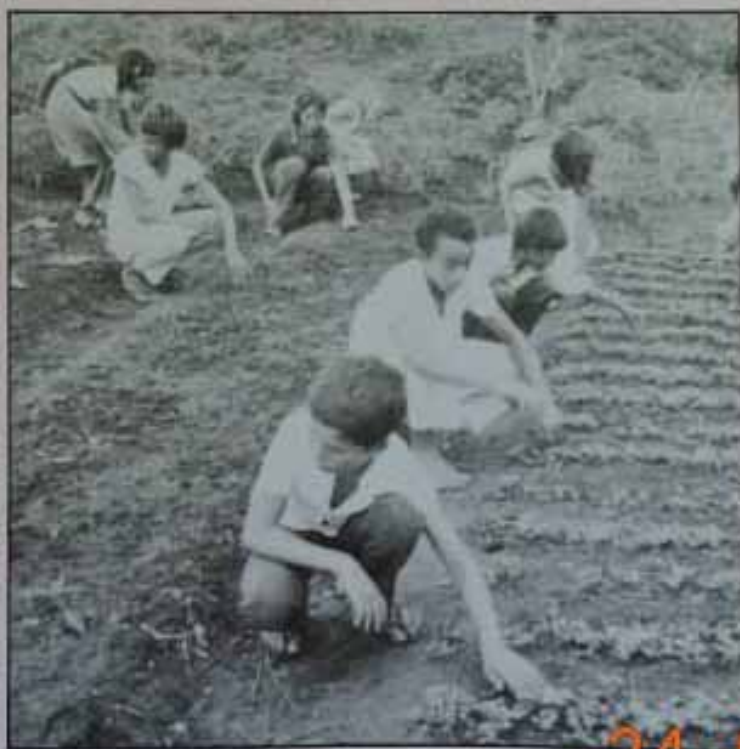
de artesanato que ensina às mulheres de sua comunidade aos sábados e domingos. Isto, sem descuidar da Alfabetização Funcional, para os adultos. Ela sabe valorizar sua gente, a gente da lavoura, comentando com certa mágoa: "Muita gente acha que as pessoas do campo são inferiores às outras. Mas elas não são. É através das reuniões do PES que qualquer um pode sentir o quanto eles se interessam em modificar seu modo de viver, de melhorar sua situação."

Existe muita coisa ainda a fazer no Sítio Campestre. Mas Maria Cabral sabe que o principal já foi conseguido. Apesar da pobreza de seus moradores, o espírito de união já tomou conta de

todos e, com isto, o trabalho tende a progredir. É ela mesma quem afirma: "Com a orientação do PES, do Mobraf, a gente aprendeu a se unir, que todos os trabalhos têm de ser feitos com os mutirões. E é essa força que faz a gente ir para adiante, preparando para todos um futuro bem melhor".

Sítio Balança

Um dos mais interessantes trabalhos que Jaci Soares da Fonseca realizou em sua comunidade foi o das hortas caseiras. Anteriormente ela já alfabetizava adultos pelo Mobraf, o que facilitou sua participação no PES. E a alimentação saudável foi um dos itens mais visados por Jaci. Mas foi difícil convencer a população do Balança. A água era pouca. Ela mobilizou entidades, buscou o apoio da Prefeitura e conseguiu construir um barreiro, juntamente com os



companheiros, todos em mutirão. "O trabalho da horta começou com as reuniões do PES. No princípio eles não queriam, não sabiam o valor de se alimentar com verduras. E a gente teve de ir devagarinho, procurando mostrar que não era assim, que a verdura era importante, que daquilo dependia um corpo forte para o trabalho...". Até que, resolvido o problema da água, o grupo iniciou o plantio, com as sementes doadas por entidades locais. Os resultados se mostraram tão promissores que a horta comunitária foi aos poucos sendo substituída por hortas caseiras. Cada morador cultivava a sua, tirando dela o seu sustento e razoáveis rendimentos. "Quando eles

viram que aquilo dava resultado, é que começaram a plantar. Agora eles são independentes!"

O mesmo aconteceu com a criação de animais domésticos. Os moradores da região procuram criar bois, cavalos e aves. "Vendo o resultado com a horta, eles se animaram também. Hoje eles criam animais pra comer e pra vender. Fizeram uma comparação com as verduras".

Mas Jaci não parou aí. Continuou seu movimento, transmitindo noções de higiene como um simples banho diário, escovar os dentes ou usar calçados: "Modificou completamente, ficou diferente demais, melhorou muito, sabe?". Além disso, a campanha de

filtros difundiu-se com facilidade entre o grupo, agora já conscientizado da necessidade de ter água saudável para beber. As fossas sanitárias foram construídas em conjunto, num trabalho em mutirão, atestando a participação comunitária de cada um dos moradores do Sítio Balança. Jaci mora com a mãe e um irmão num dos locais mais distantes do Balança. Atualmente, ela dá aulas de Educação Integrada, além de fazer o Logos II e de lecionar em escola municipal. E permanece atenta às necessidades de sua gente, sempre procurada para aplicar injeções, fazer curativos, ministrar medicamentos simples e ervas medicinais, através da farmácia caseira.

A terra: fonte de sobrevivência



As comunidades rurais do município sempre viveram da lavoura. Mas a ação educativa do Mobral fez com que a união

prevalecesse entre todos, para resultados mais fecundos. E a terra corresponde em dobro aos cuidados.

E assim como as demais monitoras do PES de Bom Jardim, ela mantém um relacionamento constante com as outras, numa ajuda mútua, como ela mesma afirma: "A gente precisa um do outro. Então, quando tem uma reunião importante, um encontro, a gente participa, convida e é convidada pelas outras, a Dorotéa, a Silvia, a Dona Margarida, a Dona Severina, com todas, não é?". E concluiu pensativa: "É, antes do PES, não tinha isso, não. A gente nem se conhecia. Mas agora é tudo diferente, cada um ajudando o outro. O PES fez a união da gente...". Balança é hoje um povoado unido, alegre e participante. Os trabalhos são feitos em mutirão e as reuniões

mostram-se bastante concorridas. E a professorinha Jaci está ciente de que, mesmo que um dia ela precise se ausentar da comunidade, sua gente prosseguirá com o trabalho que o Mobral estimulou e que ela expandiu com todo o entusiasmo de sua mocidade.

Umari

- Com licença, Dona Maria...
 - E posso eu saber a que vieram as senhoras?
 - Viemos apanhar umas canecas d'água.
 - Vai não. A água é minha.
 - Mas, Dona Maria, as crianças precisa de banho, a roupa tá sem lavar...
 - E lá eu com isso? Procure o prefeito!
 - Inda não fiz nada hoje, Dona Maria! Careço de água!
 - Também eu! A água é pouca! Procure o prefeito!
- A farsa prossegue: três ou quatro



mulheres carregando latas vazias, discutindo com outra, a proprietária do açude, até chegar ao climax, com pancadaria e confusão. Aplausos, gargalhadas na platéia. Em lugar de honra, o convidado especial, o então prefeito de Bom Jardim. Que também aplaude e ri com o espetáculo. E poucos dias depois dá início à construção do açude que Umari vinha solicitando durante meses e meses sem nenhum resultado. Este foi um dos meios que a comunidade encontrou para sensibilizar as autoridades, quando algum interminável problema afligia seus moradores. Sucedeu assim quando quiseram reduzir à metade os

preços das passagens de ônibus, quando conseguiram obter o posto médico, o ginásio e muitas outras melhorias. Contando com a adesão de todo o grupo, a idéia de utilizar o teatro partiu de uma das mulheres que assumiu o trabalho de desenvolver o PES. Dona Margarida Maria Lima. Colaborando com ela, Dona Severina Jovina Ramalho e Dona Irene de Assis Ramalho, dos Sítios Outeiro e Icó, pertencentes a Umari. Com alegria, cânticos e muito trabalho, essas três mulheres souberam motivar a coletividade para a conscientização de seus problemas e de suas soluções. E a região de Umari sofreu radical transformação. Da

situação anterior, com pessoas e casas em estado de sujeira, o aspecto foi se modificando, através de palestras sobre higiene, reuniões e incentivo. Mas nem só de teatro vive a população de Umari. Foi preciso vontade e disposição para enfrentar as dificuldades. Tanto as da coletividade quanto as próprias limitações pessoais das monitoras do Programa. Dona Margarida, por exemplo, "que só sabia viver com o terço na mão, rezando", confessa que era uma criatura tímida. "Problema de falar com doutor, Deus me livre! Ave Maria se eu visse um doutor! Saía correndo, nem chegava perto, porque eu achava que doutor era uma pessoa de tanta sociedade que

Hortas para a comunidade



Onde existe água suficiente, cultivam-se inúmeras hortas comunitárias, cujos produtos são distribuídos entre

todos. Na maioria dos lares, hortas caseiras. Porque todos, adultos e crianças, já se encontram

conscientizados da necessidade de terem ao seu alcance o alimento que lhes garanta mais energia e saúde.



a gente só tinha ido ali pra beijar as mãos dele!". Mas com o trabalho constante, aos poucos ela foi adquirindo autoconfiança, vencendo suas próprias barreiras para lutar junto com a comunidade na defesa dos interesses de todos. "Se a gente não fizer uma política pelo bem comum, a gente ia viver de que jeito? Sempre cruzar os braços? E o PES foi quem deu a coragem, fez a gente andar. Quando eu sai com aquela chinela velha nos pés, arrastando, um dia, ali naquele prédio onde tem a Secretaria de Transportes no Recife, eu nem sabia pra que lado ficava. Mas assim mesmo, com aquele abaixo-assinado na bolsa, eu sai perguntando. Quando

chego lá, aqueles policiais, aqueles guardas me interditando, por que é que eu queria falar com o Doutor Paulo, que é que eu tinha com ele... Ai eu disse: Eu quero entregar esse abaixo-assinado pra ele. Eles disseram: Quem mandou? Eu respondi: O povo! O povo de Umaril Olhe, era tantos guardas pra cima de mim que se eu não tivesse com muita coragem, dava uma carreira dali que nem sabia onde ia parar! Mas como eu já tinha perdido o medo de falar com os poderosos, até hoje eu não vou sentir mais medo, não!". E assim como nos outros grupos, a determinação de obterem melhores condições de vida foi se concretizando

na construção de fossas sanitárias, na compra de filtros, no cultivo de hortas comunitárias e caseiras. Vivendo da agricultura, o espírito de união encontra-se simbolizado na Festa do Agricultor, introduzida na comunidade após a ação educativa do Mobral. Todos os anos, os lavradores fazem uma procissão, no mês de outubro, carregando seus utensílios de trabalho e os melhores produtos obtidos na colheita. A frente, o andor, enfeitado com algodão, espigas de milho e outros vegetais. Seguindo de uma capela a outra, entoando um vibrante hino, ao chegarem ao seu destino todos depositam os produtos aos pés do altar, e celebra-se a missa.

Novos hábitos de alimentação



Embora em contato com a terra desde que nasceram, muitos não conheciam o valor nutritivo dos

alimentos. Hoje, verduras e legumes antes desconhecidos fazem parte das refeições diárias.

Para o cultivo dos produtos, o carinho e a dedicação constantes. É preciso regar, adubar a terra.

BOM JARDIM
Das iniciativas
Móbraz de 1963

24.03.2

Outra melhoria obtida para a região foi a eletrificação daquela área, em que Dona Severina representou um papel de bastante relevo. Ela, que se considerava "uma pessoa feinha, feinha, que tinha medo de falar com as pessoas", transformou-se numa presença marcante e decidida. "Ó xente, eu peguei uma disposição depois das reuniões do PES, que hoje eu não tenho medo nem de soldado, nem de sargento, nem de nada na minha vida! Eu posso chegar lá no Palácio do Governo e o que puder ser resolvido eu resolvo!".

Como uma comunidade antes dispersa e desmotivada aos poucos encontrou sua força própria, capaz de atenuar

suas dificuldades? As figuras de Dona Margarida, Dona Irene e Dona Severina avultam como os pontos catalisadores desse movimento. Mas Dona Margarida não contém seu entusiasmo quando relembra como tudo começou, afirmando: "A gente nem sabe como agradecer quem criou essa idéia do Mobral, de inventar esse trabalho de PES!".

Uma ação integrada

Desde que o PES lançou suas bases na zona rural, o Mobral prosseguiu com o seu trabalho de integração comunitária junto à própria cidade de Bom Jardim. Procurando agir em conjunto com todas as entidades locais e com a própria coletividade, envolvendo as comunidades rurais e urbanas. Região rica em tradições culturais, este foi o caminho encontrado para o primeiro passo de aproximação. Assim, no ano de 1978, o Mobral promoveu a I Semana de Arte Popular

Caminhos indicados, para o trabalho e a união



Bonjardinense. Todas as atividades resultaram de uma ação conjunta, que reuniu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Emater, a Cooperativa Agrícola, o Inbra, o Fundo de Assistência e Previdência ao Trabalhador Rural — Funrural —, a Prefeitura e a Igreja. Mobilizaram-se repentistas, violeiros, sanfoneiros, artistas, cantores populares e poetas. Dorotéa Gomes da Silva, do Sítio Altos, colaborou para a obtenção de boa parte dos recursos, escrevendo um livreto de cordel que foi comercializado para este fim. Além disso, escreveu a letra de um hino homenageando a cidade, que foi musicado e cantado pelo repentista

Mariano José da Silva, líder sindical. E durante a Semana, todas as noites uma comitiva partia da cidade, para levar sua arte até as outras regiões do município. A participação popular foi intensa. Todos cantavam e apresentavam seus valores artísticos. No ano seguinte, o Mobral promoveu a Grande Caminhada, que saiu do centro da cidade, a pé, para chegar ao ponto mais distante do município, na zona rural. A idéia tomou vulto quando se constatou que as entidades locais se ressentiam com os atrasos de várias pessoas às reuniões habitualmente realizadas. Observou-se que essas pessoas residiam em locais muito distantes e encontravam pelos

caminhos uma série de dificuldades para a locomoção. A partir daí, foi organizada a Grande Caminhada, para que todos pudessem sentir de perto o motivo por que aquelas pessoas freqüentemente chegavam atrasadas às reuniões.

A participação de todas as entidades foi grande, cada uma responsabilizando-se por determinada tarefa na coordenação do evento. Todos os componentes portavam crachás, que identificavam os órgãos a que pertenciam. Partindo do centro da cidade às seis horas da manhã, o grupo inicial compunha-se de 100 pessoas. Ao longo da caminhada, estavam previstas diversas paradas, em



24.03

BOM JARDIM
Das mulheres
Município de São João

25

determinadas localidades, onde cada entidade expunha seus objetivos à comunidade. E nessas paradas a população aderiu ao passeio, aumentando a comitiva. Além disso, da programação constou o incentivo aos povoados percorridos para que colocassem barraquinhas com frutas, doces e bolos para venda aos participantes.

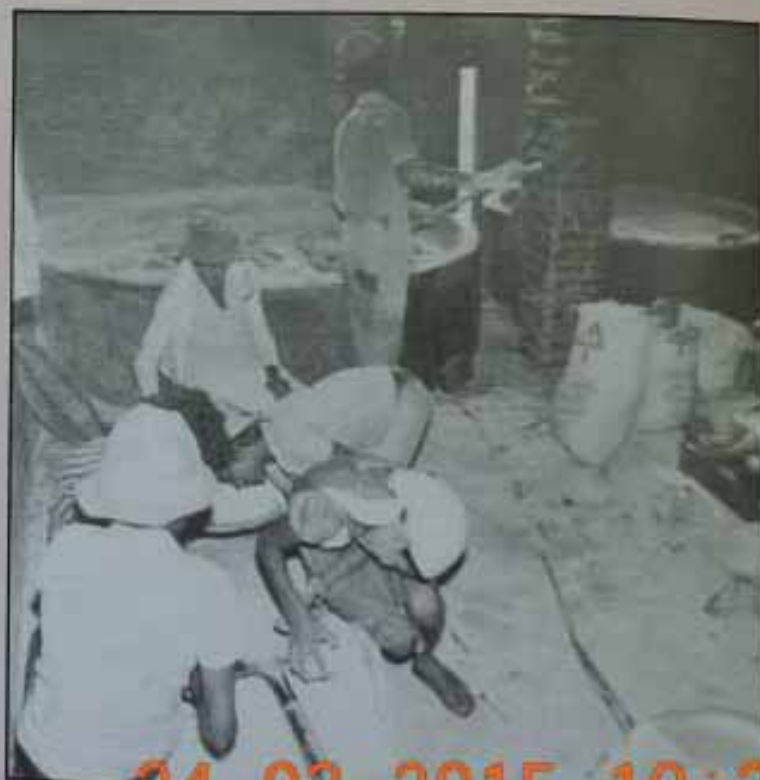
No ponto culminante da caminhada, no Sítio Feijão — a 27 quilômetros da sede —, foi celebrada uma missa e colocou-se um cruzeiro, que permanece até hoje no local, como um marco do acontecimento. Após o almoço, também preparado e vendido aos caminhantes conforme constava

da programação, iniciou-se a descida. Na chegada à cidade, às seis horas da tarde, o grupo assistiu, juntamente com a população, à apresentação de um teatro de bonecos do Centro de Artes Populares do Nordeste, como festa de encerramento da Grande Caminhada. Nesse espetáculo, o teatro de bonecos apresentou uma peça baseada no passeio e mostrando as vivências do homem do campo. Além dessas promoções, o Mobral vem participando de todas as atividades culturais de Bom Jardim, como a Semana do Folclore e a Semana da Cultura. E colabora com as iniciativas do Projeto de Educação para a Arte — Prodiarte —, do colégio

estadual. Sempre num trabalho integrado com o povo e com as entidades locais.

Porém, o mais importante que o Mobral conseguiu em Bom Jardim foi a ligação constante entre as comunidades da zona rural e a população urbana. O trabalho realizado através da ação educativa do PES causou grande repercussão no seio da coletividade urbana. As figuras de suas monitoras projetaram-se no município inteiro. Por seu trabalho constante junto às entidades locais e com o próprio povo, elas se tornaram presenças marcantes e estimadas. E, em decorrência disso, suas comunidades também conquistaram o

Cada passo, no rumo certo



respeito de toda a população. Pode-se dizer que atualmente as regiões da zona rural e a sede interligam-se em todas as atividades, o que faz de Bom Jardim um município que vive de fato comunitariamente.

Resultados de uma proposta

O trabalho comunitário gerado pelo PES solidificou-se de tal forma em Bom Jardim que hoje ele é uma atividade autônoma. É interessante notar que, mesmo desativado, os grupos comunitários permanecem atuantes, chegando até a fazer uma distinção entre PES e Mobral. Porque, pelos resultados que obtiveram, pela transformação que viram surgir tanto no universo particular de cada um quanto na coletividade inteira, todos se sentem

induzidos a conferir tal destaque ao Programa.

O trabalho começou no íntimo de cada uma daquelas mulheres que se dedicaram a desenvolver o Programa. Personalidades antes inexpressivas, elas sentiram desabrochar em si valores latentes que as impulsionaram a se realizarem como pessoas. Tanto, que a maioria sentiu a necessidade de voltar aos bancos de estudo, de aprimorar e expandir seus poucos conhecimentos intelectuais. Foi graças ao PES que Dona Margarida, de Umari, tornou-se senhora de si, modificando sua insegurança para uma presença marcante e extrovertida. Que Dona Isabel, de Paquevira, pôde



extravasar sua energia íntima, tolhida pela falta de apoio e de orientação. Que Dona Severina, de Outeiro, sentiu o seu potencial de liderança fortificar-se na ação. Que Dorotéa, do Aflor, viu-se reconhecida pelo público em seu talento artístico, até então confinado aos seus momentos interiores. Que tantas outras mulheres experimentaram a gratificação de se sentirem úteis. E que um espírito comunitário, agora denso e palpável, conjugou aspirações, de povo e entidades, num trabalho de realizações até então dispersas ou inexistentes. Mas não se pode esquecer ainda que a ação dessas mulheres possui um significado bem mais profundo.

Porque elas representam a força feminina atuando decididamente num contexto social culturalmente destinado aos homens. Apesar de nem saber o que é feminismo, Dona Margarida vale-se de sua quase que intuição para definir seu grau de conscientização, quando afirma: "Eu acho que no Brasil as mulheres deviam ser reconhecidas como os homens. Pra resolver as coisas, pra fazer, não ficar só à espera de que os homens façam!".

As 10 mulheres apresentadas aqui simbolizam a dimensão das atividades desenvolvidas na região. Porque existem muitas outras atuando em suas comunidades, ora com mais, ora

com menos expressividade. Mas que, no seu conjunto, atingem proporções bem mais vastas.

Neste município de Pernambuco, o PES continuará como um trabalho oficial. Porque as comunidades às quais atingiu assimilaram seus objetivos e mostram-se capazes de transmiti-los às gerações futuras. Ainda há muitas estradas a percorrer: íngremes e tortuosas como as estradas de Bom Jardim. Mas agora não tão difíceis de vencer. Porque cada passo está orientado no rumo certo, cada pedra pode ser removida, cada curva reserva lá adiante a certeza de que valeu a pena. E, por isto, é cumprida a verdadeira proposta do Mobral.



Anexo

Localização

O Município de Bom Jardim localiza-se na Zona Agreste Setentrional de Pernambuco, a 110 quilômetros de Recife. Sua sede está a 334 metros de altitude, na latitude Sul a 7°45'57" e longitude Oeste a 35°35'23". Por limites, tem ao norte os Municípios de Orobó, Machados, São Vicente Ferrer e Vicência; ao sul, Limoeiro, João Alfredo e Surubim; a leste, Vicência e Buenos Aires; a oeste, Surubim e Orobó. Além da sede, possui os distritos de Bizarria e Tamboata. Com uma área de 296 quilômetros quadrados, apresenta uma população de aproximadamente 40 mil habitantes, o que lhe confere uma densidade demográfica de 135,4 hab./km². As comunidades onde foram desenvolvidas as atividades do Mobral ficam na zona rural, nas localidades de Umari, Duteiro, Iú, Balança, Altos, Encruzilhada, Paquevira e Campestre. As distâncias entre essas regiões e a sede do município variam de aproximadamente 12 a 25 quilômetros.

Clima e Vegetação

Na região, predomina o clima quente e úmido, com uma temperatura média compensada de 26,5°C. A precipitação pluviométrica anual é de 1.009mm.



A topografia do município mostra-se bastante acidentada, com inúmeras elevações e depressões. Apresenta ocorrência de rochas de aspecto estranho, o que tem aguçado a curiosidade de arqueólogos e estudiosos. Um destes exemplos é a Pedra do Navio. Trata-se de um bloco rochoso de surpreendente formato, que se assemelha a um casco de embarcação equilibrando-se precariamente sobre outra rocha menor. No sopé, agrupam-se outros monolitos igualmente interessantes, lembrando figuras de animais marinhos. Escavações arqueológicas dos últimos anos demonstraram que o local, em épocas anteriores, serviu de cemitério a antigas civilizações. Contudo, até o momento, não se sabe se o estranho formato dessas rochas resultou da ação humana ou de um capricho da natureza. Outra prova da existência de povoações humanas em eras bastante remotas na região de Bom Jardim foi encontrada na Pedra do Caboclo, cujo acervo arqueológico foi removido para Recife. A vegetação local varia de acordo com as estações anuais. No inverno, mostra-se viçosa e

no verão apresenta-se bastante seca. Em todo o ano porém, desenvolvem-se plantas epífitas e cipós e, sobre as inúmeras rochas espalhadas pelo município, proliferam bromeliáceas e cactáceas. Apesar de Bom Jardim ter recebido este nome devido à presença de grande variedade de paus-d'arco (*Tecoma heptaphylla*, M.), ou ipês, de exuberante floração, atualmente é raro encontrar esta árvore na região. A espécie mais abundante no município é o angico (*Piptadenia colubrina*, Bth. l.). Na zona rural, crescem espontaneamente muitas árvores frutíferas, predominando a jaqueira e a mangueira. Ali, são comuns inúmeras cercas vivas de avelós, conhecida também como "coroa-de-cristo" ou "unha-do-cão".

Religião

Com uma população predominantemente católica, Bom Jardim possui a Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, além de sete capelas. Na zona rural, existem outros templos católicos, onde esporadicamente se celebram missas. Um desses templos encontra-se na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, em Umari. A Igreja Matriz foi construída em 1876, por missionários capuchinhos. De estilo toscano, abriga imagens de grande valor histórico, destacando-se a de Santana, bissecular, e as de São Pedro e São Paulo, em tamanho natural e talhadas em pedra.

Em escala bem mais reduzida, são cultuadas outras religiões como o Protestantismo, o Espiritismo e a Umbanda.

Música



Chamada A Terra da Música, Bom Jardim faz jus ao seu cognome, ostentando incontável número de repentistas, violeiros, coquistas e sanfoneiros. Dentre os repentistas, alguns dos mais conhecidos são José Severino Barbosa, o Gunatã do Norte, Mariano José da Silva, João Juvenal, que possui um programa na Rádio Limoeiro, e o coquista Manoel Sebastião. Nos grupos comunitários do Mobral, a música é uma presença forte. Em algumas localidades, como a de Umari, por exemplo, as reuniões são marcadas por cânticos vibrantes, da autoria de líderes do lugar. Dentre estes, destacam-se as figuras de Dorotéia Gomes da Silva e

Margarida Maria de Lima. Através do Prodiarte, o maestro e compositor, autodidata, Luiz Gonzaga de Oliveira vem desenvolvendo um trabalho de incentivo à música entre os jovens, com a criação do Conjunto Regional Paus-D'Arco. Composto por alunos do colégio estadual, este conjunto costuma apresentar-se como atração nas festividades locais e em outros municípios. A cidade possui uma banda de rifans, formada por agricultores, e atualmente o prefeito Noé Souto Maior Júnior procura reativar o Grêmio Litero-Musical Bomjardinese. As danças folclóricas também são bastante divulgadas, existindo em Bom Jardim vários grupos que fazem apresentações de maracatu, frevo, pastoril, baião, macacada e outros. Ainda dentro do Prodiarte, a professora Jaci Souto Maior criou um grupo de danças folclóricas, formado por crianças.

Artesanato

O artesanato local apresenta-se ainda de forma incipiente. Entretanto, nos últimos anos recebeu certo impulso, com a criação do Prodiarte, do Colégio Estadual Doutor Mota Silveira. Neste educandário, os alunos são motivados a desenvolver aptidões artísticas, através de aulas, exposições e palestras. No trabalho realizado pelo Motral na zona rural, essa atividade também é incentivada por algumas das monitoras do Programa de Educação Comunitária para o Trabalho — Petra —, que dão aulas de

tapeçaria, crochê, pintura e de confecção de peças de sisal, palha de milho, folhas de palmeira e sementes de plantas. Recentemente, a Minérios de Pernambuco, empresa estatal, instalou em Bom Jardim uma oficina de artesanato em pedra, utilizando-se de material abundante na região, principalmente o granito marrom imperial, mármore, jade, turmalina e outros. Apesar de reduzida, a produção é rapidamente absorvida por compradores da Recife, Maceió, Aracaju e outras capitais, que a revendem para diversos pontos do País e para o exterior.

Arquitetura e Urbanismo



De topografia bastante irregular, cheia de ladeiras, a cidade de Bom Jardim tem suas ruas calcadas com paralelepípedos, construídos com as rochas que existem em profusão em todo o município. Possui cerca de sete praças ajardinadas e bem cuidadas. Algumas ruas são bastante arborizadas, principalmente com angicos e hibiscos.

O casario é baixo, sendo raro encontrar um edifício de três andares. Em algumas ruas, as moradias são ligadas umas às outras. Mas, a característica principal da maioria é a amplitude das varandas, que as circundam totalmente. Aparentam ser espaçosas e bem ventiladas. Na zona rural, embora demonstrando um poder aquisitivo bem mais reduzido de seus moradores, as casas seguem o mesmo tipo de construção. Com materiais variando do estuque ao tijolo de cerâmica, procuram apresentar também amplas varandas. Apesar da ameaça constante de estiagem, o abastecimento de água mantém-se regular na cidade. Boa parte dispõe de cisternas. Bom Jardim não possui rede geral de esgotos, e o sistema utilizado é o de fossas sanitárias. A rede elétrica é mantida pela Companhia de Eletricidade de Pernambuco — Celpe — e atende bem à população urbana, estendendo-se por vezes a alguns povoados da zona rural. O serviço de limpeza urbana funciona com eficácia, e a cidade mostra-se bastante limpa.

Pessoas — tipo físico

A população de Bom Jardim não apresenta um tipo físico dominante. Existem tanto o caboclo quanto o mulato, o branco ou o negro, este em menor escala. Normalmente possuem estatura mais para baixa, em relação a outras regiões do País. Além disso, não foi notada a existência de



qualquer representante de raças orientais. Uma característica a observar refere-se ao envelhecimento físico precoce, devido principalmente ao estilo de vida árduo e desgastante.

História

A origem de Bom Jardim está ligada a certa lenda que remonta ao início do século XVII. Segundo essa lenda, naquela época as terras onde hoje se situa a cidade pertenciam a um fazendeiro. Com a finalidade de prestar assistência religiosa aos moradores locais, o proprietário da fazenda contratou um capelão. Este padre construiu sua casa numa das elevações do terreno, rodeada de árvores frondosas e floridas, entre as quais se destacavam os paus-d'arco, de colorido intenso e variado. Diariamente o religioso costumava sair ao arriantiercer, para meditar, extasiando-se ante a beleza das flores, cujos tons brilhavam sob os raios de sol. Até que certo dia ele exclamou: "Bom jardim! Sim, é um bom jardim". O nome foi aceito pelos habitantes e, desde então, o povoado passou a se chamar Bom Jardim.

Erigida uma capela dedicada a Nossa Senhora Santana, o lugarejo adquiriu certo impulso, habitado por comerciantes de algodão do sertão paraibano. Em 1757, por Alvará de 16 de agosto, o vilarejo passou a distrito, pertencente a Limoeiro. A Lei Provincial n.º 922, de 19 de maio de 1870, criou o Município de Bom Jardim, desmembrando-o de Limoeiro. Próximo ao Município de Bom Jardim, encontra-se o Município de Goiana, onde ocorreu o fato histórico que imortalizou as Heroínas de Tejucupapo. Em 1946, no dia 24 de abril, os holandeses, que haviam invadido o Município de Goiana, foram totalmente derrotados pelos goianenses no Distrito de Tejucupapo. A maioria dos historiadores afirma terem sido as mulheres, armadas de utensílios domésticos, que expulsaram pacificamente, os invasores. Daí terem ficado conhecidas como "Heroínas de Tejucupapo".

Agricultura

Com a maioria de sua população vivendo na zona rural, predominam na estrutura econômica do município atividades agrícolas e a pecuária, em menor escala. Ambas absorvem cerca de 98% de mão-de-obra local. Os principais produtos agrícolas são mandioca, feijão, algodão herbáceo, batata-doce, cana-de-açúcar, milho, fava, mamona, abacaxi, abacate, banana, cacau, coco, laranja, limão, manga e hortigranjeiros. A agricultura é desenvolvida principalmente por minifúndios,

através do sistema de arrendamento, onde a mandioca, ou macaxeira, constitui maior fonte de subsistência para a população. Para beneficiá-la, existem na zona rural inúmeras casas de farinha, manuais ou movidas a eletricidade. Nas manuais, geralmente o beneficiamento é feito gratuitamente, pois as comunidades trabalham em regime de mutirão, principalmente após a ação do Mobrai. Já nas que possuem motor elétrico, trata-se de um investimento de seu proprietário, funcionando neste caso o sistema de trocas: 20% da produção de farinha é retida como pagamento pelo serviço. A pecuária encontra-se representada por rebanhos bovinos, caprinos, muaras e equinos.

Recursos naturais

O Município de Bom Jardim apresenta expressivas reservas de recursos minerais, representadas principalmente por complexos graníticos e migmatíticos.

Em 1967, foi descoberta grande jazida de granito marrom imperial, de elevada aceitação no mercado. A exploração está a cargo da Minérios de Pernambuco, empresa estatal, e pela Usina de Mármore e Granitos do Nordeste Limitada. A extração é feita através de maquinaria moderna, ocupando reduzida mão-de-obra local. Para o consumo interno do País, o granito marrom imperial é beneficiado no próprio

município, também pela Minérios de Pernambuco. Para exportação, destinando-se à Espanha e Israel, os blocos são comercializados sem beneficiamento. Atualmente, encontram-se em estágio final os contatos que visam à exportação para os Estados Unidos e Portugal.

A jazida deste granito é bastante apreciável, uma vez que, com a produção diária atual, a uma profundidade suficiente de apenas 20m, sua reserva poderá ser explorada por cerca de 200 anos. Entretanto, a análise feita pelos geólogos concluiu que a exploração deverá se aprofundar a mais de 50m, o que aumenta consideravelmente o potencial da jazida.

Comércio

O movimento comercial do município é bastante reduzido. Possui quatro postos de gasolina, duas farmácias e drogarias, 12 bares e botecoins, um salão de beleza, seis salões de barbeiro e duas padarias. Não existem hotéis, pensões ou restaurantes. Atualmente, o Convento das Freiras Beneditinas, que abriga o Colégio Nossa Senhora Santana, oferece hospedagem eventual a pessoas do sexo feminino, contando para isto com apenas três apartamentos. Os produtos agrícolas são comercializados nas duas feiras semanais, de pouca expressão, e nos estabelecimentos locais. Além disso, destinam-se a abastecer as cidades vizinhas, estendendo-se até Recife. Nas comunidades da zona rural predomina o sistema de trocas.

Essas regiões possuem ainda microestabelecimentos como botecoins, vendas, padarias e barracos de hortigranjeiros.

Bibliografia

- DICIONÁRIO - Geográfico Brasileiro com numerosas ilustrações, inclusive mapas dos estados e territórios. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1972. 624p.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Bom Jardim - PE, informações básicas. Rio de Janeiro, 1982. 8p.
- _____. Bom Jardim - PE. Rio de Janeiro, 1971. 12p. (Coleção de monografias, 496)
- _____. Censo demográfico - PE: dados estatísticos: IX recenseamento geral do Brasil - 1980. Rio de Janeiro, 1982. 231p. (IBGE, v. 1, t. 3, il. 10)
- _____. Censo demográfico - PE: dados gerais, migração - instrução - fecundidade - mortalidade: IX recenseamento geral do Brasil - 1980. Rio de Janeiro, 1982. 361p. (IBGE, v. 1, t. 4, il. 12)
- _____. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, 1958. 36v.
- _____. Síntese preliminar do censo demográfico - PE: IX recenseamento geral do Brasil - 1980. Rio de Janeiro, 1981. 160p. (IBGE, v. 1, t. 1, n. 11)
- GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro, Delta, 1973. 15v.
- LAROCHE, A. F. G. Contribuições para a arqueologia pernambucana; os sítios arqueológicos do Monte do Inglês - Bom Jardim - PE. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1977. 130p.
- _____. Contribuições para a pré-história pernambucana. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1975. 49p.
- _____. O sítio arqueológico da Pedra do Cadoço. Bom Jardim - PE. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1970. 78p.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Planejamento, Informações Municipais - Bom Jardim, Recife, FIDEPE/FIAM, 1982. n.o.

Projeto Bom Jardim
Dez mulheres. Missionárias da saúde

Esta obra foi composta e impressa pela
Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização — Mobral, na Rua Francisco Manoel,
111/115 - Benfica, Rio de Janeiro - RJ, Brasil, no último
trimestre de 1963. Os textos foram compostos pelo
sistema de fotocomposição na família Univers 55,
corpo 10/11, e os títulos e subtítulos em Univers 75.



24.03

Projeto

Bom Jardim
 Uma mulher e Missões de saúde
 mobiliza

Esta publicação retrata mais um caso, dentre os muitíssimos existentes neste imenso Brasil, em que o Mobral age buscando seu principal objetivo que é a educação continuada de adolescentes e adultos.

Através do Projeto 28, do qual faz parte esta publicação, pretende-se divulgar casos semelhantes a este aqui relatado, a fim de que outras comunidades e outros brasileiros se sensibilizem e ajam em busca da educação e do desenvolvimento cultural, de modo a participarem como sujeitos na reconstrução da sociedade.

24.03.2011
 79376